

O MEU CORAÇÃO É FELIZ PORQUE TU, CRISTO, VIVES
Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação
Rímimi, 28 de abril de 2017

Anotações da Introdução de Julián Carrón

“Que a oração não seja um gesto mecânico”, dizia-nos Dom Giussani. Portanto, “elevemos a nossa consciência, despertemos a nossa responsabilidade! [...] Todo o mundo está como que debaixo de uma capa de chumbo, que é o esquecimento do objetivo por que acordamos de manhã, retomamos as coisas, retomamos as rédeas de nós mesmos. O impacto que todas as coisas têm sobre o homem é o de lhe dizer: “Acorde [...]”. [...] Meus Deus, como deveria ser este o chacoalhão de toda manhã! E, em vez disso, é um grave esquecimento o que desqualifica desde o início, normalmente, os nossos dias, ainda que depois sejam cheios de atividades. [...] Quando nos reunimos, é para olhar para a luz [...] [para nos recompor deste esquecimento, para] não permitir que o homem ao nosso lado chore, sozinho e sem horizonte. [...] Assim, neste momento, nossa cabeça pode erguer-se sobre a névoa normal, que normalmente a cobre: retomemos a consciência, retomemos a responsabilidade por nós e pelas coisas, por amor de nós e por amor do sol, por amor de nós e por amor dos homens. [...] Depende de nós que fique desperta no mundo e subsista esta companhia, esta possibilidade de companhia, que elimina a estranheza entre mim e você, entre o homem e o outro homem, e permite que as coisas sejam úteis, o tempo seja útil”¹.

Peçamos isto com toda a consciência de que somos capazes.

Oh! vinde, Espírito Criador

No início destes nossos dias, leio o telegrama que o Santo Padre nos enviou: “Por ocasião do curso anual dos Exercícios Espirituais para os membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação, que tem lugar em Rímimi, Sua Santidade o Papa Francisco, espiritualmente partícipe, dirige seu cordial pensamento e seus bons votos. Ele faz votos aos numerosos participantes, e a todos quantos estão conectados via satélite, de abundantes frutos de redescoberta interior da fecundidade da fé cristã, num mundo dilacerado pela lógica do lucro, que produz novas pobreza e gera a cultura do descarte, sustentados pela certeza da presença de Cristo ressuscitado e vivo. O Santo Padre invoca os dons do Espírito Divino para que possa realizar-se aquela revolução da ternura iniciada por Jesus com seu amor de predileção aos pequenos, na trilha traçada pelo benemérito sacerdote monsenhor Luigi Giussani, que exortava a fazer da pobreza o nosso amor. E enquanto pede que perseveréis na oração para sustento de seu ministério universal, invoca a proteção celeste da Virgem Maria e concede, de todo o coração, ao senhor e a todos os participantes, a implorada bênção apostólica, estendendo-a de bom grado a toda a Fraternidade. Vaticano, 28 de abril de 2017, cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado de Sua Santidade”.

1. “Que seria uma salvação que não fosse livre?”

Parece um paradoxo a forma como começamos esta noite: Dom Giussani exortou-nos a rezar de forma tal que nossa oração não seja mecânica, convidou-nos a elevar nossa consciência, a despertar nossa responsabilidade, ou seja, a brandir nossa liberdade; e no

¹ L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1990-1991)*. Milano: Bur, 2013, p. 219-220.

entanto, pouco antes ouvirmos novamente as suas palavras, cantamos o quanto somos incapazes de viver com verdade e contraditórios no uso da liberdade: “Aprendi somente a enganar-me a mim mesmo [...]. / Nas minhas mãos não sobrou nada além de / terra queimada, nomes sem um porquê [...]. / *Com as minhas mãos / nunca poderei fazer justiça!*”²

Por que é que Dom Giussani insiste tanto em retomarmos a consciência, em elevarmos nossa consciência, em brandirmos nossa liberdade? É Péguy quem nos lembra o porquê: “Que seria uma salvação [diz Deus] que não fosse livre? / Como se poderia qualificá-la? / Queremos que conquiste esta salvação por si próprio. / Ele mesmo, o homem. Seja buscada por ele. / Provenha, em certo sentido, dele mesmo. É este o segredo, / É este o mistério da liberdade do homem. / É este o valor que nós damos à liberdade do homem”³.

Quem poderia imaginar uma valorização do homem e de sua liberdade como esta? Deus nos quer verdadeiramente protagonistas da nossa salvação. O que é bem diferente de esvaziar o valor do tempo e da história! Por quê? “Porque eu mesmo sou livre, diz Deus, e criei o homem à minha imagem e semelhança. / É este o mistério, é este o segredo, é este o valor / De toda e qualquer liberdade. / Esta liberdade desta criatura é o mais belo reflexo que há no mundo / Da Liberdade do Criador. É por isso que nós vos conferimos, / Que nós vos damos um valor próprio”⁴.

Mas por que Deus faz tanta questão de nos envolver na nossa salvação, sabendo que somos uns coitados? Qual é a razão dessa sua insistência na nossa colaboração?

“Uma salvação [continua Péguy] que não fosse livre, [...] que não procedesse de um homem livre, já não nos diria nada. [...] / Que interesse apresentaria uma salvação assim? / Uma bem-aventurança de escravos, uma salvação de escravos, uma bem-aventurança servil, como quereis que isto me interesse? Porventura poderíamos gostar de ser amados por escravos?”⁵

Péguy toca aqui, antecipando-se ao seu tempo, no ponto mais sensível de hoje: a liberdade. Se em alguma época da história estas palavras foram verdadeiras, com maior razão o são no nosso presente. É um momento, com efeito, em que já nenhuma convenção dura, em que nenhum hábito pode ser suficiente para comunicar o cristianismo e torná-lo aceitável. Pelo contrário, tudo parece estar contra ele. O cristianismo, com efeito, já não está na moda, já não é algo que se possa transmitir por hábito ou pelos costumes sociais. Para muitos ao nosso redor, a fé já virou uma “coisa velha”, que se deve abandonar sem sequer levá-lo em consideração. Isto pode ter em nós o efeito de nos abater ou, então, de nos relançar na aventura, exaltando ainda mais o que é verdadeiro desde a origem do cristianismo: Cristo propõe-se à liberdade do homem.

É verdade primeiramente para nós: nada nos pode poupar da liberdade, nada se pode enraizar em nós se não for acolhido e conquistado pela liberdade. É uma urgência que sentimos nós em primeiro lugar, como me escreve um de vocês: “Caríssimo Julián, a três dias dos Exercícios Espirituais, senti o desejo de lhe comunicar por que decidi participar mais uma vez. Não me basta aderir mecanicamente a um aviso. Preciso redescobrir uma razoabilidade que me faça estar ali com a mente e o coração abertos. Num mundo aparentemente tão distante do gesto que fazemos, sinto-os ainda assim como um bem e uma utilidade para mim e para o mundo. Na vida de cada um se joga esta grande partida da relação com o Infinito que, de modo misterioso, atravessa o finito das nossas vidas e as chama para Si. Abrir-me a isto mudou a perspectiva com que vivo. Como para todo o mundo, a vida para mim não é simples. Descobri, combatendo, na grande graça do caminho que você nos chama a fazer, que a vida é bela não porque esteja tudo em ordem e corra exatamente

² C. Chieffo, “La guerra”, *Cantos*, p. 339.

³ Cf. C. Péguy, *O mistério dos santos inocentes*. Cascais: Lucerna, 2015, p. 46.

⁴ Cf. *Ibidem*.

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 47.

como eu a imagino. A vida é bela porque em cada dia há uma possibilidade de relação com o Mistério e tudo pode tornar-se um desafio para descobri-lo e receber um ‘a mais’ para mim. O que me liberta da ansiedade e do medo (as verdadeiras doenças deste tempo, que tentam curar com remédios) é ter experimentado que no imprevisto se esconde algo que foi preparado para mim, uma ocasião para aprofundar essa relação com o Mistério. Preciso voltar a ouvir Alguém que me chama pelo nome e preciso que aquilo que começou comigo possa nunca acabar. Por isso sou grato a você, que foi chamado a despertar o nosso olhar e o nosso coração para a atratividade de Jesus e para cada um de nós, apaixonado pelo próprio destino”.

Por outro lado, a quem poderia interessar uma salvação que não fosse livre, uma bem-aventurança de escravos? E que prazer encontraria Deus em ser amado por pessoas que O amassem por inércia ou obrigação? Não teria custado nada a Deus criar outros seres que cumprissem sua tarefa mecanicamente, como escravos. Bem como poderia ter criado outros astros que girassem mecanicamente. Eles também contribuiriam, diz Péguy, para fazer resplandecer o Seu poder. “Meu poder resplandece sobejamente nas areias do mar e nas estrelas do céu. / Não é minimamente contestado, é conhecido, resplandece sobejamente na criação inanimada. / Resplandece sobejamente no governo, / No acontecimento mesmo do homem.”⁶

Que queria Deus, então? “Na minha criação animada, diz Deus, quis melhor, quis mais. / Infinitamente melhor. Infinitamente mais. Pois eu quis essa liberdade. / Eu *criei* essa mesma liberdade. [...] / Quando provamos uma vez o que é ser amado livremente, as sujeições já não têm gosto algum. / Quando provamos o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem. [...] / Nada mais tem esse peso, nada mais tem esse valor. / É certamente minha maior invenção.”⁷

Portanto, Deus quis algo melhor. Nós também o sabemos: “Quando provamos uma vez o que é ser amado por homens livres, as prosternações de escravos já nada nos dizem”, “as sujeições já não têm gosto algum”. Deus queria alguma coisa de “infinitamente melhor. Infinitamente mais”: ser amado livremente.

“Perguntai a um pai se o melhor momento / Não é quando os filhos começam a amá-lo como homens, / A ele mesmo como um homem, / Livremente, / Gratuitamente, / Perguntai a um pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a um pai se não há uma hora secreta, / Um momento secreto, / E se porventura não é / Quando seus filhos começam a tornar-se homens, / Livres / E a ele mesmo tratam como a um homem, / Livre, / Amam-no como a um homem, / Livre, / Perguntai a esse pai cujos filhos estão crescendo. // Perguntai a esse pai se não há uma eleição entre todas / E se porventura não é / Precisamente quando cessa a submissão e quando seus filhos feitos homens / O amam, (o tratam), por assim dizer como conhecedores, / De homem para homem, / Livremente. / Gratuitamente. O estimam assim. / Perguntai a esse pai se não sabe que nada equivale a / Um olhar de homem que se cruza com um olhar de homem. // Ora, eu sou o pai deles, diz Deus, e conheço a condição do homem. / Fui eu quem a fez. / Não lhes peço muito. Não peço mais do que o seu coração. / Quando tenho o coração, acho bom. Não sou difícil. // Todas as submissões de escravos do mundo não valem um belo olhar de homem livre. / Ou melhor, todas as submissões de escravos do mundo repugnam-me, e eu daria tudo / Por um belo olhar de homem livre.”⁸ Um belo olhar; não talvez a perfeição, mas um belo olhar de homem livre. Conclui Péguy: “Por essa liberdade, por essa gratuidade, sacrifiquei tudo, diz Deus, / Por esse prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livremente, / Gratuitamente, / Por verdadeiros homens, viris, adultos, firmes. / Nobres, ternos, mas de uma ternura firme. / Para obter essa liberdade, essa gratuidade, sacrifiquei tudo, / Para criar essa liberdade, essa gratuidade, / Para pôr em jogo essa

⁶ Cf. *Ibidem*.

⁷ Cf. *Ibidem*.

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 69-70.

liberdade, essa gratuidade. // Para ensinar-lhes a liberdade”.⁹

Confirma-o com outras palavras São Gregório de Nissa: “Aquele que criou o homem para fazê-lo partícipe de seus bens [...] não poderia tê-lo privado do melhor e mais precioso daqueles bens, quero dizer, do dom [...] da liberdade”.¹⁰ Que interesse tem uma salvação que não é livre? Para nós, nenhum. Mas tampouco para Deus. A salvação torna-se interessante para o homem e para Deus somente se for livre. Para Deus, porque quer ser amado por homens livres e não por escravos. Para nós, porque senão não seria uma salvação minha, tua. A liberdade é decisiva para não entendermos a salvação como uma coisa de servos, como uma coisa forçada da qual, ao fim e ao cabo, nos defendemos, mas como pertinente às nossas exigências de homens. Ao longo da história, vimos aonde leva uma salvação que não seja livre, uma salvação imposta por coação, por hábito ou por medo. As coações humanas vacinaram muita gente contra essa espécie de salvação. E o hábito fez com que, com o tempo, se perdesse o interesse por ela.

Então a grande questão que cada um de nós se deve colocar no início deste nosso gesto é simples: a salvação permaneceu interessante para mim? Não o hábito, não a repetição mecânica de determinados gestos, mas a salvação! Interessa-me ainda como no início, com a mesma intensidade do início? Não é óbvio, como sabemos. O tempo e as vicissitudes da vida não poupam ninguém. Por isso, cada um tem de olhar para a sua própria existência e responder na primeira pessoa.

2. “Cristo fica como que isolado do coração”

Preparando o prefácio do novo livro que reúne os Exercícios da Fraternidade pregados por Dom Giussani, deparei com a preocupação que pesava sobre ele nos primeiros Exercícios, os de 1982, o ano do reconhecimento pontifício. Naquela ocasião, ele expunha à vista de todos que não bastava permanecer passivamente no Movimento para manter o frescor do início, para que o encontro feito continuasse interessante. Tampouco para nós, que tínhamos sido escolhidos e agraciados com um dom tão avassalador como o encontro com Cristo através de Dom Giussani, podia bastar o hábito para conservar aquele início. Dizia, com efeito: “Vocês cresceram: ao mesmo tempo em que asseguraram uma capacidade humana na profissão de vocês, há – possivelmente – como que um distanciamento de Cristo, em comparação com a emoção de tantos anos atrás [não a coerência, mas a emoção de tantos anos atrás], sobretudo de determinadas circunstâncias de tantos anos atrás. Há um distanciamento de Cristo, exceto em determinados momentos [exceto em certas ocasiões]. [...] Exceto quando se põem, digamos assim, a realizar obras em Seu nome, em nome da Igreja ou em nome do Movimento”. Como vemos, Dom Giussani não se tinha deixado confundir por uma possível euforia pelo reconhecimento. “É como se Cristo”, apesar de podermos estar empenhados em tantas coisas, “estivesse distante do coração [...], ou melhor, Cristo fica como que isolado do coração”.¹¹ A simples permanência não bastava para continuar a experimentar a “emoção de tantos anos atrás”, do início.

O ponto chave do juízo de Dom Giussani está em ter entendido que, tornando-nos adultos, estávamos vivendo a vida, com todos os seus empenhos, ainda que justos, de um modo em que “Cristo fica como que isolado do coração”. E, se Cristo fica isolado do coração, mais cedo ou mais tarde deixa de ser interessante. De fato, Cristo é interessante exatamente pela capacidade que tem de fazer vibrar o nosso coração, de lhe corresponder totalmente e de nos fazer entender essa correspondência.

Mas este isolamento entre Cristo e o coração não diz respeito apenas à nossa relação com

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 70.

¹⁰ Gregório de Nissa, *La grande catechesi*. Roma: Città Nuova, 1990, p. 58.

¹¹ L. Giussani, *Una strana compagnia*. Milano: Bur, 2017, p. 21-22.

Ele, mas sim à relação com tudo. O distanciamento entre Cristo e o coração, continua Dom Giussani, gera outro, que se verifica num “último empecilho entre nós – estou falando também de marido e mulher –, [...] o distanciamento entre Cristo e o coração afasta o último aspecto do coração de um do último aspecto do coração do outro, a não ser nas ações comuns (a casa para cuidar, os filhos para criar, etc.)”.¹²

Se o isolamento entre Cristo e o coração diz respeito à relação com tudo, é “porque o coração”, diz logo a seguir, “é como uma pessoa olha para seus filhos, como olha para sua mulher ou seu marido, como olha para um transeunte, como olha para as pessoas da comunidade ou os colegas de trabalho, ou – sobretudo – como se levanta de manhã”.¹³ Ora, se Cristo não tem a ver com a forma como olhamos para a mulher, o marido, o transeunte, os colegas de trabalho, etc., então não tem a ver com a vida, com noventa e nove por cento da vida. Consequentemente, com o tempo, torna-se inútil, perde o interesse.

Por experiência, sabemos bem que Cristo se tornou uma presença interessante para nós porque fez vibrar o nosso coração, fez vibrar de forma diferente o nosso eu diante de tudo (“A realidade torna-se evidente na experiência”,¹⁴ dizia-nos Dom Giussani). Da mesma forma, nós reconhecemos que ela ou ele eram a pessoa com quem queríamos dividir a vida porque faziam vibrar a profundidade do nosso eu. Aquela vibração era apenas um sentimentalismo, ou era antes a possibilidade de descobrir o peso que a sua presença tinha para nós? O mesmo vale para o encontro com Cristo, para o impacto com a Sua presença, na experiência do início.

Para entender como as coisas estão para nós, bastaria que cada um se perguntasse: o que prevalece agora como sentimento da vida? O que eu descubro como fundo último de mim mesmo? Qual é o pensamento dominante? Qual é a música de fundo que prevalece? Porque o homem é uno. E, no final, há apenas um único pensamento – qualquer que seja – que domina, um único sentimento último da vida que prevalece. Todas as análises são inúteis, porque todo o mundo está despido diante da grande pergunta: Cristo permaneceu interessante como da primeira vez?

Basta fazer a comparação com o sobressalto que o início provocou em nós para ver se Cristo continua mais colado ao nosso coração agora do que estava no início, ou se hoje está mais separado, mais isolado do nosso coração em relação ao sobressalto inicial que fez de nós pessoas “tomadas”. Eis a alternativa: tomados ou isolados. Cada vez mais tomados, ou cada vez mais isolados. Não o digo para nos medirmos de forma moralista – não vamos perder tempo com isso! –, mas para nos darmos conta se Ele continuou interessante como no início, para tomarmos consciência do quanto estamos entusiasmados agora em comparação com antes.

3. Um caminho a percorrer

Neste maior ou menor distanciamento entre Cristo e o coração, está em jogo a nossa liberdade. A mesma liberdade está em jogo na relação com quem tanto aproximou Cristo de nós: Dom Giussani, seu carisma, a herança que recebemos.

Na audiência de 7 de março, o Papa lembrou-nos que “fidelidade ao carisma não quer dizer ‘petrificá-lo’ – é o diabo que ‘petrifica’, não vos esqueçais disto! Fidelidade ao carisma não significa escrevê-lo num pergaminho e colocá-lo numa moldura. A referência à herança que Dom Giussani vos deixou não pode reduzir-se a um museu de lembranças, de decisões tomadas, de normas de conduta. Sem dúvida, exige fidelidade à tradição, mas fidelidade à

¹² Ibidem, p. 22.

¹³ Ibidem, p. 24.

¹⁴ L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*. Milano: Bur, 2002, p. 143.

tradição – dizia Mahler – ‘significa manter aceso o fogo e não adorar as cinzas’. Dom Giussani nunca vos perdoaria se perdêsseis a liberdade e se vos transformásseis em guias de museu ou em adoradores de cinzas. Mantende aceso o fogo da memória daquele primeiro encontro e sede livres!’¹⁵

Sem liberdade, a vida de cada um de nós pode transformar-se num museu de recordações dos tempos antigos. Se não existe algo que prevaleça no presente como mais interessante do que todas as recordações, a vida fica bloqueada. Porque todas as recordações, ainda que bonitas, as decisões tomadas, as normas de conduta, não são suficientes para manter vivo o fogo agora. É um caminho que nunca se pode interromper: não se pode viver de renda. Já o escrevia von Balthasar no início dos anos cinquenta: “Uma verdade que só continua a ser transmitida, sem ser repensada a fundo, perdeu a sua força vital”.¹⁶ E nos mesmos anos, Guardini confirmava: “Na monotonia do puro prosseguir, nós sufocaremos”.¹⁷

Naquele momento, em 1982, enquanto todos estavam contentes por estar em Rímimi celebrando o reconhecimento pontifício da Fraternidade que tinha acabado de acontecer, Dom Giussani não pisou no freio, não se afastou de uma paixão pela vida de cada um de nós. Interessava-lhe que aquele momento, marcado pelo ato de reconhecimento da Santa Sé, fosse a ocasião para tomar consciência de que a nossa vida, ao crescermos, se estava afastando de Cristo. Com que é que Dom Giussani estava preocupado? Com a maturidade da experiência das pessoas da Fraternidade – sobretudo depois do reconhecimento –, uma maturidade que ainda hoje depende exclusivamente do caminho que cada um deve percorrer.

Ele estava bem consciente de que não há fórmulas ou manuais de instrução que possam substituir o movimento da liberdade; ela é indispensável para a realização do caminho até a maturidade, até a verdade de nós mesmos. E dizia: “Como é impressionante pensar que a vida, o tempo, é mudança. Por que razão uma mãe dá uma criança ao mundo e esta vive quarenta anos, cinquenta anos, sessenta anos, oitenta anos, noventa anos? Para que mude! Para que se transforme! Mas que quer dizer mudar? Tornar-se cada vez mais verdadeira, cada vez mais ela mesma”.¹⁸ Como observa Kierkegaard, “eu não conheço [...] realmente a verdade senão quando ela se torna vida em mim”,¹⁹ e é este o sentido da mudança, da transformação. Eis a razão última do apelo de Dom Giussani: que nós nos tornemos cada vez mais verdadeiros, cada vez mais nós mesmos. Tudo, menos moralismo! Mas é uma mudança que não pode acontecer sem nós, sem a nossa liberdade, sem o constante envolvimento de cada um de nós.

Por que Dom Giussani insistia tanto na necessidade de um caminho de amadurecimento? Porque é precisamente no amadurecimento da familiaridade com Cristo que reside a possibilidade de uma plenitude da nossa vida, do nosso tornar-nos nós mesmos. Senão a alienação domina. Mas este amadurecimento, de fato, não é óbvio, não se dá automaticamente, simplesmente com o passar do tempo, com o crescer nos anos. Não é óbvio nem mesmo para os que cresceram dentro da experiência do Movimento. É este o motivo por que, em 1982, Dom Giussani dizia: há um “equivoco sobre o que é ‘crescer’ [...]. Eu não considero, com efeito, que seja uma característica estatisticamente normal que o crescer nos tenha familiarizado com Cristo [...], nos tenha familiarizado mais com a resposta à pergunta com a qual ouvimos a proposta há vinte e cinco anos. Não creio”.²⁰

¹⁵ Francisco, *Discurso ao movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015.

¹⁶ H. U. von Balthasar, *La percezione dell'amore: Abbattere i bastioni e Solo l'amore è credibile*. Milano: Jaca Book, 2010, p. 13.

¹⁷ R. Guardini, *Natale e capodanno: Pensieri per far chiarezza*. Brescia: Morcelliana, 1993, p. 38.

¹⁸ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 125.

¹⁹ S. Kierkegaard, *Esercizio del cristianesimo*. In: Idem, *Le grandi opere filosofiche e teologiche*. Milano: Bompiani, 2013, p. 2109, 2111.

²⁰ L. Giussani, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 24-25.

Não é estatisticamente normal que o crescimento nos tenha familiarizado mais com Cristo! Podemos entender estas palavras como uma repreensão que nos incomoda, ou então podemos acolhê-las com uma gratidão sem fim, como o gesto de alguém que quer tanto bem à nossa vida, ao nosso caminho, que usa todas as ocasiões para nos chamar à verdade de nós mesmos, para não nos deixar acabar no nada.

E então surge a pergunta: por que diminui o interesse, ao ponto de sentirmos Cristo distante do nosso coração? Por que o crescimento não aumentou a familiaridade com Ele? Porque não basta a espontaneidade – sempre nos disse Dom Giussani –, porque crescer não é um processo espontâneo: é preciso um empenho da liberdade, é preciso um caminho, como foi para os apóstolos “a trajetória da convicção”.²¹

Deixemo-nos guiar por Dom Giussani nesta renovada tomada de consciência do caminho que nos espera para um amadurecimento da nossa fé. É necessário um empenho da liberdade, acima de tudo para manter aberta a nossa humanidade: a “abertura última do espírito [...] é algo em que a pessoa deve se empenhar continuamente. Grande é a responsabilidade da educação: aquela capacidade de compreender, de fato, ainda que corresponda à natureza, não é espontânea. Se for tratada como pura espontaneidade, aquela base de sensibilidade de que dispomos originalmente será sufocada; reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é a forma mais sutil e definitiva de persegui-la, de exaltar os seus aspectos flutuantes e provisórios, ligados a um sentimentalismo contingente. Se a sensibilidade pela nossa humanidade não for constantemente solicitada e ordenada, nenhum fato, nem mesmo o mais evidente, encontrará uma correspondência. Todos já experimentaram a sensação de obtusa estranheza ante a realidade, que se experimenta quando nos deixamos levar pelas circunstâncias, quando não fizemos nenhum esforço: as coisas, as palavras e os fatos, que antes se nos apresentavam como razões claras, naquela ocasião deixam de fazê-lo, e repentinamente não são mais compreensíveis”.²²

O que capta a correspondência? O nosso coração, a nossa humanidade. Se o nosso coração não estiver desperto, nenhum fato, nem mesmo o de Cristo, poderá mostrar e realizar a sua correspondência a esse coração. E, sem correspondência, prevalece apenas a estranheza. “Como estou só aqui! Meu Deus, como estou só aqui e como me sinto estrangeira! Tudo ao meu redor me é hostil, e não há lugar para mim. Até as coisas ao meu redor, dir-se-ia que não me veem e que eu não estou aqui. [...] A realidade está ausente. A vida verdadeira está ausente.”²³ Não basta que Cristo continue a acontecer, se eu não tiver aquela abertura que me permite dar-me conta disso e não senti-Lo como um estranho, se eu for obtuso ao Seu estar presente. Por isso, sem a liberdade não é possível que a salvação continue a ser interessante. Ressaltar a liberdade é essencial, não é um extra, ainda que isto não signifique, de fato, que na vida possamos dar conta sozinhos. Não! É que sem implicar livremente toda a nossa humanidade, Cristo fica isolado, longe de nós mesmos.

4. “O nosso primeiro perigo é o formalismo”

Qual é a consequência desse isolamento entre o coração e Cristo, dessa obtusa estranheza que às vezes sentimos, mesmo depois de tanto tempo? O formalismo. “Nosso primeiro perigo, portanto, é o formalismo, a repetição de palavras ou a repetição de gestos, sem que palavras e gestos abalem ou, ao menos, ponham em crise, isto é, movam algo em você, iluminem mais o olhar que você dirige a si mesmo, sem que alimentem uma convicção acerca de um valor (porque, por exemplo, ter de se empenhar nas eleições é uma necessidade da sua

²¹ Idem, *Na origem da pretensão cristã*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2012, p. 71ss.

²² Ibidem, p. 121.

²³ P. Claudel, *Il pane duro*. In: Idem, *Il pane duro*: Destino a mezzogiorno. Milano: Massimo, 1971, p. 102.

humanidade, senão falta uma medida à sua humanidade)”.²⁴ Giussani dizia estas coisas no início dos anos oitenta, falando aos responsáveis dos universitários. Mas quanto são atuais, quanto valem também para nós!

O formalismo é uma fé que corre paralela à vida, que se satisfaz com a repetição de palavras e de gestos; é uma adesão que se identifica com a participação em certos momentos ou com o desenvolvimento de determinadas atividades; mas, na medida em que não move algo em nós, fora daqueles momentos e terminadas aquelas atividades, ficamos diante da vida como todo o mundo, nós também presos na alternativa entre uma “exasperada presunção e o mais tenebroso desespero”.²⁵

Dom Giussani também falava de um “formalismo na adesão à comunidade”. E descrevia-o assim: “Não está tudo bem porque fazemos Escola de Comunidade, não está tudo bem porque participamos na Santa Missa com o próprio padre, não está tudo bem porque fazemos panfletagens ou afixamos um *dazibao*. Esta pode ser a formalidade com que pagamos o pedágio à realidade social a que aderimos. Mas quando tudo isto se torna experiência? Quando nos diz algo e move (‘movimento’) algo em nós”.²⁶

E, ainda aos universitários, em 1977, dizia: “O verdadeiro problema é o formalismo da fé. Nós estamos numa época em que a fé está totalmente reduzida a formalismo. [...] Não se parte da consciência de Cristo como minha vida e, por isso, como vida do mundo e, por isso, do mundo como minha vida”.²⁷

Também o grande teólogo ortodoxo Olivier Clément estava consciente disto: “A prática da Igreja muda sem que se note, não como consequência de uma criação consciente, mas por causa de concessões, escleroses, desvios, reinterpretações *a posteriori*, venerações de hábitos de per si contingentes”.²⁸

É um ponto sobre o qual Dom Giussani nunca nos deu trégua. Num texto de 1984, afirma: “Qualquer expressão de um movimento como o nosso, se não faz nascer do íntimo das experiências concretas que se vivem o apelo à memória da presença de Cristo, não serve. Aliás, piora a situação do humano, porque favorece o formalismo e o moralismo. Faria decair o acontecimento entre nós – acontecimento que deveríamos reter com tremor nos olhos e no coração como critério do nosso comportamento mútuo – em refúgio sociológico, em posição social”.²⁹

E no novo livro dos Exercícios da Fraternidade acrescenta: “Então se dá aquele fenômeno graças ao qual, [...] em determinados momentos a nossa alma fermenta, [...] “acorda”, se move, mas depois o olhar para a vida de todos os dias volta a deixar tudo opaco, tudo homogêneo, tudo pesado, tudo delimitado, tudo sufocado. E é como se nunca conjugássemos esses dois momentos de pensamento e de olhar sobre nós mesmos, a não ser de fora, de forma moralista, no sentido em que – dado que temos fé – algumas coisas não se podem fazer, outras é preciso fazer. E isto vem de fora, não de dentro: o que se faz ou não se faz não é expressão de uma consciência nova (conversão), de uma verdade de si, mas é como um pedágio, tributado a algo externo, ainda que devota e profundamente reconhecido e estimado. E é o contrário: ou Deus é a vida, ou então é como se ficasse fora da nossa porta”.³⁰ É a alternativa que se joga em cada momento, em cada circunstância, no início de cada ação, quando começamos a trabalhar ou quando estabelecemos uma relação: ou Deus é a vida, ou é relegado para o lado de fora da porta.

²⁴ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*. Milano: Bur, 2008, p. 194-195.

²⁵ Idem, *O caminho para a verdade é uma experiência*. São Paulo: Cia Ilimitada, 2006, p. 105.

²⁶ Idem, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 194.

²⁷ Idem, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*. Milano: Bur, 2006, p. 109-110.

²⁸ O. Clément, *La rivolta dello spirito*. Milano: Jaca Book, 1980, p. 82.

²⁹ L. Giussani, “Appendice”. In: Idem, *Alla ricerca del volto umano*. Milano: Jaca Book, 1984, p. 90.

³⁰ Idem, *Una strana compagnia*, op. cit., p. 194-195.

Quando sucumbimos a esta separação (entre Deus e a vida, entre a presença de Cristo e a vida, entre a fé e a vida), as nossas tarefas tornam-se um mero apêndice da nossa existência, algo de estranho ao nosso coração. Ressalta-o o Papa na *Evangelii gaudium*: “Hoje nota-se em muitos [...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e de relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores, não obstante rezem, uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*”.³¹

As atividades sem espírito não são desejáveis, tudo se desgasta. É novamente o Papa Francisco quem descreve o resultado da separação entre a fé e a ação: um ativismo cansativo. “O problema não está sempre no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que impregne a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer. Não se trata de uma fadiga serena, mas tensa, pesada, desagradável e, em definitivo, não assumida.”³²

Qual é a consequência de tudo isto? “Assim se gera a maior ameaça, que ‘é o pragmatismo cinzento da vida quotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez’. Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos em múmias de museu. Desiludidos com a Igreja, com a realidade ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como ‘o mais precioso elixir do demônio’. Chamados a iluminar e a comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior, e que corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permito-me insistir: não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!”³³

5. O fundo do problema: “Estamos separados do fundamento humano”

Quando Cristo fica isolado do coração e não se revela como interessante para a nossa vida, o cristianismo cristaliza-se em doutrina. Se Cristo não é reconhecido como minha necessidade, se não é descoberto por mim como essencial para a plenitude dos meus dias, como a Presença de que não posso abrir mão para viver – porque tenho um desejo que nada mais pode satisfazer –, o cristianismo passa a ser, no máximo, como o nobre pretexto para um envolvimento social ou religioso, do qual esperarei uma realização – ou uma satisfação – que nunca há de chegar. Por isso é necessário não se equivocar a respeito da natureza do coração, do alcance do nosso desejo, da nossa necessidade, e não nos iludir de que podemos preenchê-lo com algo diferente da sua Presença. Cristo, com efeito, torna-se estranho quando o nosso coração se torna estranho a nós mesmos.

Dom Giussani identificou com clareza qual é o núcleo da questão que o Papa tão bem descreveu e devido à qual acabamos na estranheza por Cristo e por nós mesmos. “Nós cristãos [dizia em Chieti em 1985] no clima moderno fomos separados não diretamente das fórmulas cristãs [podemos sabê-las de cor], não diretamente dos ritos cristãos [podemos continuar a repeti-los], não diretamente das leis do decálogo cristão [podemos continuar a ser-lhes fiéis]. Fomos separados do fundamento humano, do senso religioso. Temos uma fé que já não é religiosidade [...], que já não responde como deveria ao sentimento religioso”.

³¹ Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium*, §78.

³² *Ibidem*, §82.

³³ *Ibidem*, §83.

Por isso temos uma fé “não consciente, uma fé que já não é inteligente de si mesma. Dizia o meu velho autor Reinhold Niebuhr: ‘Nada é tão inacreditável como a resposta a um problema que não se põe’. Cristo é a resposta ao problema, à sede e à fome que o homem tem da verdade, da felicidade, da beleza e do amor, da justiça, do significado último”.³⁴

A fé perde interesse, esvazia-se, em proporção ao quanto nos afastamos ou nos deixamos afastar do fundamento humano. Por isso Cristo começa a afastar-se, e com Ele os outros e toda a realidade, e as coisas que fazemos começam a tornar-se um pedágio que temos de pagar. Como diz Tolstói: “Sentia que me escapava o que me era indispensável para viver”.³⁵

A obliteração de Cristo hoje – na nossa sociedade ocidental – não passa primeiramente pela contestação explícita e frontal de Cristo, mas pela redução do humano, dos desejos e das necessidades do homem, pela censura da nossa sede, ou seja, da nossa pobreza original. Cristo torna-se assim um mero nome (já repetimos isto muitas vezes), e o cristianismo transforma-se numa matriz cultural e no pretexto para um apelo ético.

Podemos detectar nisto uma influência do Iluminismo sobre nós. “Verdades históricas casuais não podem nunca tornar-se a prova de verdades racionais necessárias”,³⁶ dizia Lessing. E Kant acrescentava: “Uma fé histórica, fundada unicamente em fatos, só pode alargar a sua influência até onde conseguem chegar, segundo circunstâncias de tempo e lugar, os relatos relacionados com a capacidade de julgar a sua credibilidade”.³⁷ Também nós achamos que podemos conhecer, podemos mudar, elaborar uma concepção e uma prática eficazes independentemente da realidade de Cristo, isto é, acreditamos que podíamos passar sem o Fato, sem a presença histórica e carnal de Cristo, que se torna experimentável na Igreja.

Mas, como Dom Giussani nos disse – e repetimos nos Exercícios do ano passado –, é uma “história particular [...] o ponto chave da concepção cristã do homem, da sua moralidade, em sua relação com Deus, com a vida, com o mundo”.³⁸ Quer dizer, só no seio da história particular gerada por Cristo, só através da experiência de Cristo no coração de cada um de nós, é que pode emergir e pode manter-se viva no tempo uma concepção verdadeira do homem, a possibilidade de uma moralidade. É o acontecimento de Cristo, o encontro histórico com a Sua presença, tanto agora como então, que torna possível o escancaramento de uma verdade completa sobre o homem e o caminho até ela.

Vamos ouvir como Dom Giussani descreveu a ocorrência pontual, precisa, desta história particular em sua vida: “Se eu não tivesse encontrado o monsenhor Gaetano Corti no primeiro ano do liceu; se não tivesse assistido às poucas aulas de italiano do monsenhor Giovanni Colombo, que depois foi cardeal de Milão; se não tivesse encontrado jovens que, diante do que eu sentia, arregalavam os olhos como se diante de uma surpresa tão inconcebível quanto bem-vinda; se não tivesse começado a encontrar-me com eles; se não tivesse encontrado cada vez mais gente que se envolvia comigo; se não tivesse tido esta companhia; se você não tivesse tido esta companhia, Cristo, para mim assim como para você, teria sido uma palavra-objeto de frases teológicas ou, na melhor das hipóteses, um apelo a uma afetividade ‘piedosa’, genérica e confusa, que se estabeleceria apenas no temor dos pecados, ou seja, num moralismo”.³⁹

³⁴ L. Giussani, La coscienza religiosa nell'uomo moderno, 21 de novembro de 1985. In: *Quaderni del Centro Culturale “Jacques Maritain”*. Chieti, jan. 1986, p. 15.

³⁵ L. Tolstói, *La confessione*. Milano: SE, 2000, p. 81.

³⁶ G. E. Lessing, “Sul cosiddetto ‘argomento dello spirito e della forza’”. In: Idem, *La religione dell'umanità*. Roma; Bari: Laterza, 1991, p. 68.

³⁷ I. Kant, *A religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 108.

³⁸ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milano: Rizzoli, 1998, p. 82.

³⁹ L. Giussani, *Qui e ora. 1984-1985*. Milano: Bur, 2009, p. 209-210.

Mas – voltando ao tema deixado em aberto –, para fugir à cristalização do cristianismo em doutrina (frases teológicas) ou à sua redução a ética (moralismo), é necessário um parto; ou seja, é necessário que Cristo não se acrescente à nossa existência a partir de fora, de forma moralista, permanecendo em última instância estranho ao nosso coração, mas que se coloque na raiz da nossa consciência e da nossa ação; de forma a que a evidência da Sua presença jorre do interior da vida enfrentada na relação com Ele, à luz da ligação com a Sua presença, como afirmava Mounier neste texto lido e comentado por Dom Giussani nos Exercícios da Fraternidade de 1989: “‘É da terra, da solidez [a terra ou solidez é o conjunto de condições nas quais se encarna a vida: a roupa, a voz que tenho, os olhos que me servem até certo ponto] que deriva necessariamente um parto cheio de alegria [ou de grito, mas é o grito da letícia por aquilo que nasce], o sentimento paciente da obra que cresce [o que nasce cresce, organiza-se, torna-se um corpo, um caminho, uma história cheia de paciência], das etapas que se sucedem [as etapas da história], esperadas com calma, com segurança [segurança porque Ele está aqui]. É preciso sofrer para que a verdade não se cristalize em doutrina.’ Tudo é sofrimento: parto, paciência, uma etapa depois da outra que não vem logo, o sacrifício supremo da segurança, ou seja, da certeza de um Outro. É sofrimento para que o fato que está entre nós, Cristo, não seja um exemplo ou um conjunto de valores morais, mas nasça da carne. É preciso sofrer: aderir ao modo com que essa presença está entre nós. De resto, Cristo ressuscitou mas passou pela morte. Na oração do Angelus, pedimos a Deus que nós, que conhecemos a encarnação de Seu filho Jesus Cristo, por sua morte e ressurreição sejamos conduzidos à experiência de Sua glória, à mudança da vida e do mundo. Aderir a Cristo, fazê-lo penetrar na nossa carne, significa olhar, conceber, sentir, julgar, avaliar, procurar tratar a nós mesmos e às coisas com a memória da sua presença, com a sua presença nos olhos. [...] Desta memória deriva toda a moral. Não fica abolido nem sequer um jota da lei, mas a sua presença lhe dá o fundamento”.⁴⁰

Como disse o Papa Francisco na Quinta-feira Santa, “nunca a verdade do *lieto Annuncio* poderá ser apenas uma verdade abstrata, daquelas que não se encarnam plenamente na vida”.⁴¹

Escreveu-me uma professora: “Participando de um gesto dos Colegiais, eu estava almoçando com alguns dos meninos. Perguntei ao garoto que estava à minha frente como se chamava, quantos anos tinha e que escola frequentava. ‘Dezesseis anos, terceiro colegial’. Depois lhe fiz outras perguntas. E ele, com um tom de voz desprovido de qualquer vibração, respondeu-me: ‘Sim, estou contente, concordo com tudo o que ouvi, mas para mim não são coisas novas, já as conheço, já as ouvi do padre da minha comunidade com quem me encontro já faz três anos. Para mim é um aprofundamento’. O ‘dar por óbvio’ feito carne estava ali, na minha frente! Eu me senti bloqueada nessa conversa. Sentia uma vontade terrível de me esquivar. Mas no fundo, no fundo, realmente no fundo, impossível até de pensar, estava agradecida a ele, pois me tornava consciente de mim, do meu desejo. Essa ferida me pôs de joelhos: sem Ti, sem Ti, Cristo, aqui, agora, presente, eu não sou nada, perco a minha humanidade, o meu eu. Nos detalhes banais de um almoço ‘sem graça’, pude descobrir a exigência fundamental, a necessidade essencial da minha existência: dar-me conta de que Tu existes. Até pouco tempo atrás, eu não teria sequer registado um fato desse tipo, ou ele me teria provocado apenas um breve sofrimento, quase um incômodo. Que gratidão imensa por Dom Giussani, que me introduziu num caminho em que nada, nada mesmo, pode ser esquecido ou excluído!”

Estas linhas demonstram o quanto precisamos da pobreza – ao ponto de nos pormos de joelhos para pedi-la – a que nos exorta o Papa na carta que nos mandou (para nos agradecer a

⁴⁰ Idem, *É preciso sofrer para que a verdade não se cristalize em doutrina, mas nasça da carne*. Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, Rímimi, 1989, p. 24.

⁴¹ Francisco, *Homilia na Santa Missa Crismal*, 13 de abril de 2017.

oferta que lhe demos depois da peregrinação do Jubileu) e que amanhã vou retomar. Tudo fica chato, tudo fica óbvio, sem a consciência da nossa pobreza, da nossa necessidade, sem o empenho da nossa liberdade. Como Péguy tem razão! Se não nos tornarmos seus protagonistas, como ele afirma, a salvação não será interessante para nós.

6. “Do lado do sepulcro ou do lado de Cristo”

O Papa disse ainda, na homilia da Páscoa: “Pensem um pouco, cada um pense, nos problemas diários, nas doenças que vivemos ou que um dos nossos parentes sofre; pensem nas guerras, nas tragédias humanas e, simplesmente, com voz humilde, sem floreios, sozinhos, diante de Deus, diante de nós, digamos: ‘Não sei como vai isto, mas estou certo de que Cristo ressuscitou e aposto nisto’”.⁴²

Com Cristo podemos enfrentar qualquer situação em que possamos vir a estar. E nisto consiste também a nossa verificação. Não estamos condenados à cristalização e à aridez, mas, uma vez mais, para realizar esta verificação é necessária a nossa liberdade. Temos de decidir de que lado estamos.

O Papa Francisco disse isto de forma clara e comovente em Carpi, no último dia 2 de abril. Falava às vítimas do terremoto na Emília, mas seu apelo é válido para nós aqui, hoje: “Analisemos [...] o último dos sinais milagrosos que Jesus realiza antes da sua Páscoa, no sepulcro do seu amigo Lázaro. [...] Em volta deste sepulcro, acontece portanto um grande *encontro-desencontro*. *Por um lado há a grande desilusão*, a precariedade da nossa vida mortal que, atravessada pela angústia e pela morte, experimenta com frequência a derrota, uma obscuridade interior que parece insuperável. A nossa alma, criada para a vida, sofre sentindo que a sua sede de bem eterno é oprimida por um mal antigo e obscuro. Por um lado há esta derrota do sepulcro. Mas *por outro* há a esperança que vence a morte e o mal e tem um nome: a esperança chama-se Jesus. [...] Amados irmãos e irmãs, também nós somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*. Há quem se deixa dominar pela tristeza e quem se abre à esperança. Há quem permanece vítima dos destroços da vida e quem, como vós, com a ajuda de Deus, remove os destroços e reconstrói com esperança paciente. Face aos grandes ‘porquês’ da vida, temos dois percursos: ficar olhando melancolicamente para os sepulcros de ontem e de hoje, ou deixar que Jesus se aproxime dos nossos sepulcros. Sim, porque cada um de nós já tem um pequeno sepulcro, alguma parte um pouco morta dentro do coração: uma ferida, uma injustiça suportada ou cometida, um rancor que não dá trégua, um remorso que vai e volta, um pecado que não se consegue superar. [...] Sentimos então dirigidas a cada um de nós as palavras de Jesus a Lázaro: ‘Sai!’; sai do engarrafamento da tristeza sem esperança; desata as ataduras do medo que impedem o caminho; aos laços das debilidades e das preocupações que te bloqueiam [...]. Seguindo Jesus aprendamos a não atar as nossas vidas em volta dos problemas que se emaranham: haverá sempre problemas, sempre, e quando resolvemos um, imediatamente chega outro. Mas podemos encontrar uma *nova estabilidade*, e esta estabilidade é precisamente Jesus, esta estabilidade chama-se Jesus [...]. E mesmo se os pesos não faltarem, haverá sempre a sua mão que alivia”.⁴³

E na noite de Páscoa o Papa afirmou: “Com a Ressurreição, Cristo não lançou por terra apenas a pedra do sepulcro, mas quer fazer saltar também todas as barreiras que nos fecham nos nossos pessimismos estéreis, nos nossos mundos conceituais bem calculados que nos afastam da vida, nas nossas obcecadas buscas de segurança e nas ambições desmesuradas capazes de jogar com a dignidade alheia. [...] Deus irrompe para subverter todos os critérios

⁴² Francisco, *Homilia na Santa Missa do Domingo de Páscoa na Ressurreição do Senhor*, 16 de abril de 2017.

⁴³ Idem, *Homilia em Carpi*, 2 de abril de 2017.

e, assim, oferecer uma nova oportunidade. [...] Alegra-te, porque a tua vida esconde um germe de ressurreição, uma oferta de vida que aguarda o despertar. Eis o que esta noite nos chama a anunciar: o palpitar do Ressuscitado, Cristo vive! [...] Vamos e deixemo-nos surpreender por esta alvorada diferente, deixemo-nos surpreender pela novidade que só Cristo pode dar. Deixemos que a sua ternura e o seu amor movam os nossos passos, deixemos que o pulsar do seu coração transforme o nosso ténue palpitar”⁴⁴

Por isso estamos juntos nestes dias: para nos apoiar, para nos chamar a atenção uns aos outros, com o nosso testemunho, brandindo a nossa liberdade, para nos deixar surpreender e abraçar pela Sua presença, a fim de não sucumbirmos no nosso sepulcro, como diz o Papa. “Somos convidados a decidir de que parte estar. Podemos estar *do lado do sepulcro* ou *do lado de Jesus*.”

Peço a todos que respeitem o silêncio, justamente para nos ajudarmos a estar do lado de Jesus. Não demos isto por sabido. Se não nos ajudarmos a que o silêncio seja pleno e não algo de mecânico, cheio da inclinação para reconhecer a sua Presença, se não nos exercitarmos a fazer silêncio, estes não serão “exercícios” espirituais para nós. Também o silêncio deve nascer da carne para se tornar meu.

Este ano pensamos em dedicar uma parte do silêncio que pedimos na entrada no salão para retomar algumas canções da nossa história. A proposta que fazemos nasce do desejo de não dar por óbvio o dom que é cantarmos juntos. Desejamos que cada um de nós – e portanto as nossas comunidades – possa redescobrir o gosto, a beleza e a força educativa de cantarmos juntos.

⁴⁴ Idem, *Homilia na Vigília Pascal da Noite Santa*, 15 de abril de 2017.